

A ética utópica da amorosidade do ser finito. *

Luciana Loyola Madeira Soares/2011

O convite para esta mesa era irrecusável, uma vez que a organização do evento me escalou para um encontro com amigas muito queridas, além de profissionais a quem tanto admiro e confio. Irônico foi como o conteúdo deste trabalho foi tomando forma mesmo antes das dolorosas perdas que tivemos em nossa comunidade gestáltica ao longo do ano de 2008.

Já estava a pensar em como preparar minha apresentação para este nosso encontro, quando ouvi um verso de Renato Russo:

“É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã...”

Como é amar se não houver amanhã?

Amaremos mais?

Menos?

De que maneira?

Este verso veio esclarecer meu tema: amorosidade e finitude.

Só tenho podido pensar na ética a partir de uma perspectiva da amorosidade.

E, será possível pensar em ética senão na perspectiva da finitude?

Se entendermos ética na perspectiva do vir a ser, das possibilidades, então como é amar se houver um amanhã?

Amaremos mais?

Menos?

De que maneira?

A noção da finitude próxima altera a maneira ou a intensidade de amar?

*Adaptação do trabalho apresentado na mesa ‘A ÉTICA COMO SUPORTE: SOLUÇÃO OU UTOPIA PARA UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO?’ no II Congresso de Gestalt-terapia do Rio de Janeiro, em Outubro de 2008; em 2009 foi reapresentado no X Congresso Nacional de Gestalt-terapia em Vitória-ES.

Refiro-me à ética como possibilidade de desdobrar afetos em plena incerteza do amanhã. Encontro suporte nas palavras de Laura Perls (in Fagan, 1980):

Em nosso mundo ocidental, o neurótico é o homem que não pode enfrentar sua própria morte e, portanto, não pode viver plenamente como um ser humano. A Gestalt-Terapia, com a sua ênfase na conscientização e envolvimento imediatos, oferece um método para o desenvolvimento do necessário apoio a um ajustamento criativo que se autoperpetua – o que é a única maneira de enfrentar e suportar a morte e, portanto, de viver. (p. 180)

Recorro a Buber, que desenhou a ética da amorosidade enquanto Encontro nas diferenças. Éticas das diferenças, do amor ao diferente, de ser amado na diferença. Do respeito à singularidade do sujeito que ama buscando o mínimo em comum com o outro humano, com os humanos. Para ele, a ação amorosa é a dialogicidade.

O pensamento de Buber nos ajuda a pensar a ética da Gestalt-terapia: ética da diversidade, da inclusão, da ação transformadora. É a possibilidade de estar com o outro no exercício da dialogicidade, numa relação entre diferentes onde privilegia-se a diferença, sendo assim, a melhor maneira de descobrir-se e de criar-se.

Entendo que na Gestalt-terapia praticamos uma *dialogicidade da esperança*, como nos diz Afonso Fonseca (1998). Não da espera passiva, mas da ação, da incompletude, da permanente busca do encontro com o outro, de encontrar-se consigo mesmo na finitude de nossas existências.

Em Laura Perls (in Fagan, 1980) encontramos:

Falando estritamente por mim própria - a única maneira como um gestalt-terapeuta pode dizer alguma coisa – estou profundamente convencida de que o problema básico não só da terapia, mas da vida, é como tornar a vida vivível para um ser cuja característica dominante é sua conscientização de si próprio como indivíduo único. Por uma parte, e da sua mortalidade, por outra. (p.179)

Não seria isso o que temos em comum com todos os humanos: a noção da finitude?

Se for assim, o que nos resta esperar?

Amar seres que são para a morte?

Amar, enquanto somos seres para a morte?

Somos tão frágeis e vulneráveis quanto fortes e resilientes. Lidamos todo o tempo com condição multifacetada da existência humana. E é exatamente isso que nos liga e ‘des-liga’ uns dos outros em nossa transitória e marcante trajetória pelo planeta.

Se, na tradição do mundo ocidental o nascimento provoca, ou ‘tem que provocar’ alegrias e comemorações, a morte/finitude provoca ou ‘tem que provocar’ horror, pânico, angústia.

No entanto, a supervalorização destes marcos joga para segundo plano muitos outros sentidos do nascimento e da morte. Aqui privilegio o mesmo que em meu ofício de terapeuta: o que toca tanto a fé quanto a perda de crença no poder de transformação, a própria perda do sentido da vida.

Observo que somos instados a desistir de crer na potência criativa do encontro entre humanos. Não consigo ficar impassível diante disso. Ex: 'ninguém mais presta', 'não dá para confiar em ninguém', etc. São afirmações que enfatizam o que há de pior na experiência de existir: a perda da fé no humano e a desesperança nas relações.

Como terapeutas, é plausível apostar no humano desconectado de sua própria condição humana, fragmentado, pretensamente auto-suficiente, consumista, imediatista? É mais fácil deixar-se levar pelos *deveriaismos*? Legitimar o funcionamento por hábito em detrimento da autorregulação?

O que então nos dá suporte ético nesse cenário?

Neste contexto, posso assim responder: o sentido utópico da ética.

Ética e utopia são inseparáveis.

Utopia é lugar nenhum, exceto para quem aposta em criar-se, criando um caminho. É lugar nenhum, mas faz-nos caminhar.

Os utopistas caminham vislumbrando sempre melhores possibilidades.

O pessimismo da razão e o otimismo da vontade fundem-se na formulação da utopia e esta, aponta para a reformulação.

Utopia aqui entendida enquanto renúncia ao fatalismo.

Martin Buber (2006) escreveu "A única coisa que pode vir a ser fatal ao homem é crer na fatalidade..." (p.89)

A morte/finitude não é de fato o fim de todas as coisas.

Mesmo os que já morreram legaram-nos sua vitalidade. Sua ausência faz surgir novas configurações, novas histórias.

A utopia fala de nós mesmos, de nossos sonhos, medos, desejos, cultura, e, principalmente daquilo que acreditamos que possa acontecer a partir de uma ação conjunta.

Utopia só existe e faz sentido no contexto do coletivo. Ela emerge da dialogicidade. É algo que se tece junto.

Ela não é sonho, pois não é falta de realidade. O sonho não é sujeito à ideologia, enquanto que a utopia vem da tentativa de empurrar o sonho para a realidade, apoiado em convicções ideológicas, filosóficas, teóricas, direcionando-nos para um propósito que se encarna numa ação que se propõe transformadora.

Paulo Freire (1979), que se afirmava utopista, nos ilumina ao crer no diálogo como encontro de homens que se pretendem mais lucidamente humanos. Ele trabalhava pela libertação da palavra autêntica, para que cada um pudesse chegar a dizer, no âmbito do diálogo, sua própria palavra. Defendeu a noção de que a fé no potencial humano de desdobrar-se em

possibilidades pela perspectiva relacional é que movia a esperança; não a esperança entendida como espera passiva, mas como superação através do diálogo.

Sua aposta na dialogicidade está inteiramente articulada com as formulações de Martin Buber. Este afirmava que palavreado não é sinônimo de diálogo autêntico; segundo ele, dialogar é falar ao outro, numa perspectiva de mutualidade, e é o que permite possibilidades até então não experimentadas.

Creio que nós, gestalt-terapeutas somos utopistas, pois acreditamos que possa haver renovação quando tudo parece perecer.

Como terapeutas, sabemos que não podemos tudo, mas sempre acreditamos que podemos fazer algo, como ouvir, respirar, estar com o outro.

Se adeptos da abordagem gestáltica, acreditamos num ser humano ativo, criativo, capaz de dar forma a sua existência a cada momento; se acreditamos na capacidade de formular projetos e de reformulá-los; se acreditamos em promover escolhas cada vez mais responsáveis; se apostamos em sonhar, desejar, criar, transformar; se apostamos em conviver com as diferenças e, a partir delas, crescer...

Se, como gestalt-terapeutas, acreditamos que a relação é sempre nova, pois é atualização, mesmo que o vínculo seja antigo... então, somos utopistas.

A utopia é tanto fascinante quanto ambígua. Convém então lembrar de meu querido Walter Ribeiro (1998), quando diz dos perigos a que estamos expostos em nossa onipotente profissão se nos acreditarmos salvadores da humanidade. Segundo ele, não nos compete falar pelo outro, prática esta de desautorização e desconfirmação, incompatível com uma atitude gestalticamente ética.

Ao lançar-se à presunção de saber mais do outro do que ele próprio possa saber, o terapeuta evita correr o risco de não saber, experiência que mobiliza desconforto. Caminhamos por incertezas – esta é uma das poucas certezas que podemos ter - tanto quanto aquele que nos honra ao procurar-nos para compartilhar suas histórias inacabadas.

Também Jacob L. Moreno, segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), criador do sistema Psicodramático que, muito cedo em sua vida, após uma queda durante uma brincadeira ousada na qual quebrou um braço, descobriu que podemos até brincar de ser Deus, mas que nunca poderemos sê-lo de fato.

Mauro Amatuzzi (1989), baseando-se em Buber, afirma que a relação terapêutica não pode ser traduzida como diálogo pleno, pois há uma diferenciação de papéis que é essencial para a definição do contexto. Portanto, a desigualdade é incompatível com a mutualidade. No entanto, ele insiste que mesmo assim, em plena diferença, a mutualidade, a fecundidade do diálogo é o que deve ser buscado pelo terapeuta.

Lembro que dos maiores riscos a que estamos expostos como terapeutas é defendermo-nos de nossa própria angústia existencial, tentando impor ao outro um modo de ser, um projeto de vida. Nada pode ser mais autoritário e menos dialógico que isso. Aí não há nada de ético ou utópico.

Para sermos eticamente utópicos e utopicamente éticos creio que precisamos contar com o suporte de nossos propósitos como terapeutas: a noção de que ali estamos desdobrando-

nos em disponibilidade para acompanhar o outro no desvelar recursos para realizar suas melhores possibilidades existenciais. Podemos legitimar o outro sem, contudo concordar com ele. Não podemos oferecer certezas para nenhum de nós, nem prever o que vai acontecer a partir de nosso encontro.

Ali somos seres para o encontro. Amorosamente éticos em nossa condição de finitude e utopistas na crença nas ilimitadas possibilidades da existência. E que agimos assim não só no âmbito profissional, mas porque nisso acreditamos e desta maneira escolhemos viver, com todos os conflitos que isso comportar. Recorrendo novamente a Laura Perls (in Fagan, 1980):

A verdadeira criatividade, em minha experiência, está inextricavelmente vinculada à conscientização da mortalidade. Quanto mais aguda for esta conscientização, maior o anseio impulsivo de realizar algo de novo, de participar na infinitamente contínua criatividade da natureza. É isso que faz do sexo, amor; do bando, sociedade; do trigo e do fruto, pão e vinho; e do som, música. É isso que torna a vida vivível e - diga-se de passagem – o que torna a terapia possível. (p.180)

Finalizando, proponho que não fiquemos apenas como naquele verso da canção de Gil e Caetano, Panis et Circenses: ‘mas as pessoas da sala de jantar, são ocupadas em nascer e morrer’.

Referências bibliográficas:

AMATUZZI, M. M. O Resgate da Fala Autêntica. Filosofia da Psicoterapia e da Educação. Campinas: Papyrus Editora, 1989.

BUBER, M. Eu e Tu. São Paulo: Centauro Editora, 2006. 10ª edição revista.

FONSECA, A. H. L. Dialógica da Esperança. Dialogicidade, superação em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico-existencial. Maceió: texto de 1998.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GONÇALVES, C. S., WOLFF, J. R. e ALMEIDA, W. C. Lições de Psicodrama. Introdução ao pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Ágora, 1988.

PERLS, L. Abordagem de um Gestalt-terapeuta. In: FAGAN, J. e SHEPHERD, I. L. Gestalt-Terapia: teoria, técnica e aplicações. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. 4ª edição.

RIBEIRO, W. F. R. Existência Essência. Desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais. São Paulo: Summus, 1998.